

O Convento de Santa Maria da Arrábida e a construção do espaço sagrado no Espelho de Penitentes

Daniel Vital dos Santos Silva¹

Resumo:

As crônicas religiosas constituem uma das fontes mais curiosas para o trabalho do historiador, oferecendo várias possibilidades analíticas para o historiador. O objetivo desta comunicação é explorar um aspecto sugestivo de uma destas crônicas: a construção do espaço sagrado dentro da obra do Frei Antonio da Piedade, o Espelho de penitentes, e chronica da Provincia de Santa Maria da Arrabida da regular, e mais estreita observancia da Ordem do Serafico Patriarca S. Francisco, no Instituto Capucho. Lisboa, Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real, 1728. O escrito tinha por objetivo salvar do olvido a memória de alguns dos mais gloriosos religiosos e padroeiros deste ramo da ordem franciscana. Entender as relações descritas entre os monges e o espaço permite vislumbrar uma das estratégias narrativas de seu autor.

Palavras-chave: Cultura escrita; religião no mundo luso-brasileiro; Portugal nos séculos XVII e XVIII.

Introdução

Fazer história é explorar um objeto que simultaneamente remete a aproximações e diferenças entre o presente em que se escreve e o passado que se deseja acessar: por um lado, os processos históricos só podem ser acessados por meio da mediação das fontes, indícios de uma falta, de uma realidade apenas parcialmente mantida; por outro, fazemos perguntas a este passado que dizem muito ao presente no qual vivemos².

A natureza de qualquer fonte é complexa, já que, de modo geral, ela não foi escrita visando se transformar em documento para o historiador. Ao contrário, fazer história é a possibilidade de ler os silêncios, interpretar o que não se quis registrar, ou qual foi a intenção por trás do que uma vez foi registrado. Não é possível mais aceitar que a história se encontra no escrito e narrado à superfície. Muitas vezes, a interpretação que a história pretende traçar é justamente o esforço de ler as fontes a contrapelo, de buscar os seus sentidos mais profundos.

O esforço para tomar como fonte uma narrativa sobre o passado é duplo, já que

envolve, além das questões acima, a intencionalidade do autor, de perpetuar determinada narrativa sobre algo. Não é diferente com crônicas religiosas, como a que ora estudo: o *Espelho de Penitentes, e chronica da Província de Santa Maria da Arrábida*, da autoria de Frei Antonio da Piedade, publicada em 1728.

A intenção manifesta do texto foi a de retirar do esquecimento a memória dos irmãos ilustres pelo modelo de vida não apenas santo, como também austero e reformado. Escrita no século XVIII, após quase dois séculos da fundação deste ramo reformado da frondosa árvore franciscana, trata-se de uma narrativa extremamente selecionada. Apenas as glórias da província e dos arrábidos foram dignas de ali figurar; mesmo as questões menos luminosas, quando referidas, são retrabalhadas. As estratégias para tal foram diversas, e envolveram desde o uso de linguagem rebuscada, até a ênfase no arrependimento dos irmãos. Um exemplo dessa forma de proceder são as referências ao Infante d. Luiz (1506-1555), filho de D. Manuel I e padroeiro da Província da Arrábida. Fr. Antônio da Piedade não ocultou à vida pecaminosa do infante, que resultou num filho bastardo. Mas descreveu esta passagem de maneira extremamente rebuscada, justificando sempre a fraqueza de um dos maiores protetores da província³.

Neste trabalho, pretendo me deter sobretudo no primeiro livro da crônica. O objetivo é compreender a razão pela qual tantos capítulos, parágrafos e linhas da crônica foram utilizados para descrever o convento de Santa Maria da Arrábida e a serra onde se localizou esta que é a primeira casa monástica da ordem. A história da serra ocupa um espaço comparável ao de personagens importantes, cobrindo parte do primeiro livro da obra. Em verdade, ao questionar isto, também tenho por objetivo refletir mais profundamente sobre as implicações que o convento de Santa Maria da Arrábida tinha na narrativa criada pelo autor, e com a qual o leitor da crônica dialogou.

Para tanto, o trabalho está organizado em três momentos. O primeiro discute a narrativa sobre a serra da Arrábida e a fundação do primeiro convento presente na crônica. O segundo diz respeito à descrição deste lugar geográfico como espaço de uma narrativa. O terceiro explora o entendimento deste espaço como espaço sagrado.

A narrativa sobre a Serra da Arrábida na Crônica

A crônica tem como foco, em seu primeiro livro, a trajetória do Frei Martinho,

monge franciscano que desejava adotar uma vida mais austera, mais reformada, na década de 1540 do século XVI. Este frei viveu a conjuntura e o ânimo de reforma no século XVI. Durante muitos anos, fez profissão junto aos barbadinhos italianos, ramo franciscano então caracterizado por uma proposta de vida despojada e árdua. Em busca de aconselhamento espiritual, partiu para uma peregrinação, onde encontrou um dos mais poderosos nobres portugueses, o primeiro duque de Aveiro, D. João de Lencastre. Este se mostrou interessado em ajudar Frei Martinho, doando uma extensão importante de suas terras, a serra da Arrábida. Neste trecho, começa a descrição da serra, e, posteriormente, do convento. Em ambos os casos, a narrativa detém-se sobre aspectos tanto de ordem geográfica quanto histórica⁴.

A serra é descrita, em um primeiro momento, como um espaço geográfico marcado pela austeridade. Este ponto é especialmente importante: Frei Antônio da Piedade escreveu durante a época das Reformas – tanto protestante quanto católica – que assiste tanto ao nascimento de uma piedade mais pessoal, quando ao influxo de uma proposta de vida mais ascética⁵. A serra seria o correspondente físico deste desejo: ainda selvagem e bravia, com árvores e pedras, e uma vida cotidiana marcada por orações e privações⁶. Não espanta, pois, a comparação entre os arrábidos e os primeiros padres do deserto, nem que Frei Antonio da Piedade descreva a Arrábida como a nova Tebaida⁷. Em Portugal, a caracterização dos religiosos arrábidos como um ramo reformado é dada por José Sebastião da Silva Dias. De acordo com este autor,

(...) a fundação da Arrabida é mais tardia que a da Piedade, contudo não menos importante para a expressão do movimento ascético a que ambos aderiram. Foi a mais nova que actuou e, por assim dizer, dinamizou o ideal que a mais velha já tinha incarnado e atirado à face do mundo congreganista⁸.

Se o aspecto físico correspondeu ao desejo dos monges, isto não é menos verdade no que respeita a outras questões. A Arrábida surgiu, na crônica, como um espaço previamente marcado pela rubrica da santidade: havia uma ermida naquele local, sítio de uma imagem santa, que fora cuidada, durante muitos anos, por leigos. Não era, portanto, um espaço profano em nenhum sentido. A serra da Arrábida era, por definição, um lugar sagrado. A marca de diferença em relação a outros conventos é esta: a serra foi na narrativa, quase que predestinada a receber o mosteiro, dada sua genealogia como lugar diferente de outros espaços profanos.

Percursos, espaços e lugares

Lugar e espaço são categorias que, para efeitos deste trabalho, devem ser melhor explicadas. Em primeiro lugar, a noção de espaço que pode ser entendida como fruto da experiência narrada, que cria itinerários e modalidades de espaço e de acesso a ele. No caso da crônica da Arrábida, Frei Antônio da Piedade criou um determinado percurso para o convento. Michel de Certeau argumenta que o percurso é o conjunto de operações que, realizadas, organizam a experiência sobre determinado espaço. Ao se referir à forma como um casal de novaiorquinos descreveu o espaço do seu apartamento, o autor aponta que:

Essas descrições na grande maioria se fazem em termos de operações e mostram "como entrar em cada cômodo". A propósito deste segundo tipo, os autores precisam que um circuito ou um "percurso" é um speech act (um ato de enunciação) que "fornece uma série mínima de caminhos pelos quais se pode entrar em cada cômodo";⁹.

A despeito de Certeau referir-se a narrativas orais, creio que a ideia de operações a serem realizadas para chegar a determinado local merece ser perseguida neste trabalho. No capítulo V, ao descrever a serra, Frei Antonio da Piedade faz referência a outros templos ali localizados: uma capela junto ao mar, dedicada a Nossa Senhora do Cabo, e um antigo templo dedicado a Netuno. Entretanto, uma vez que o centro da narrativa foi o Convento da Arrábida, localizado ao redor de uma ermida diferente da primeira, e longe do templo a Netuno, é para este local que a narrativa converge. A ela Frei Martinho dedica um capítulo inteiro. Se na descrição onde o templo de Netuno e a ermida de Nossa Senhora do Cabo são descritos o título é “descreve-se a Serra da Arrabida”, no segundo — “Declara a Antiguidade da Senhora da Arrabida, e como veyo a esta Serra” — houve uma seleção do espaço (a ermida de memória) que figurou como uma espécie de ancestral direto dos conventos arrábidos, objeto de uma narrativa detalhada, e os outros lugares. A ermida é o local de repouso eleito por uma miraculosa imagem, que salvou da morte um mercador inglês e seus companheiros de viagem, a mesma que deu nome à província anos depois:

Haildebrant, que o considerava com mais profunda intelligencia, e ao nosso parecer superiormente illustrada, julgou, que a Mãe de Deos fazia eleição daquelle lugar, para nelle ser venerada (...) com que fez huma Ermida naquelle lugar onde estava a Senhora, e junto a ella uma pequena casa para sua habitação¹⁰.

Por sua vez, o templo de Netuno foi meramente citado no quadro de informações legadas do passado, comprovadas por ruínas de uma estátua, e moedas de alguns imperadores romanos. Não muito diferente é o caso da ermida de Nossa Senhora do Cabo, que o autor apenas diz ter este nome porque localizada no cabo que avança mar adentro. Em outras palavras, e traçando aqui um paralelo: a ênfase ocorreu não apenas num local como ele consta em um atlas, ou na descrição que o próprio autor aproximou de um mapa¹¹, mas em determinada narrativa que propunha uma experiência de espaço diferenciada.

Assim, a opção que o autor faz implica lembrar que a narrativa não tratou de lugares, isto é, apenas do geográfico, mas de lugares e de espaços, dando a estes últimos uma ênfase mais ampla que aos primeiros. Nesta proposta, o lugar correspondeu à forma pela qual determinados elementos se encontram distribuídos; daí, lembra o autor, ao existir um lugar a impossibilidade de algo ocupar ao mesmo tempo o lugar de outro. Já o espaço poderia ser entendido como o lugar praticado, isto é, em ação, em movimento, dentro da ambiguidade de uma leitura, por exemplo. O espaço foi produzido pelas supramencionadas operações que constroem o percurso para determinado lugar, uma experiência de espaço diferenciada, ambígua, que não corresponde à distribuição geográfica¹². Assim, embora a descrição da serra no capítulo V se inicie com a aproximação dela a partir de determinada direção (norte, sul, leste, oeste), no seguinte a preocupação foi de dotar o espaço mais importante — aquele onde a primeira parte da narrativa vai ocorrer, e onde se localizou o primeiro convento da ordem — de um passado que o faz diferente dos demais.

A narrativa, além disto, funcionou como um processo delimitador, por meio de um percurso determinado (ao lado de lugar descrito e do espaço criado). A questão do percurso. Ao estabelecer-se um percurso, há uma condição para que se passe de um elemento para outro. Em outras palavras, para descrever o convento da Arrábida, é preciso fazer determinadas operações, determinado conjunto de ações como a construção de uma cerca que restringiu o acesso a uma das ermidas, local de romarias da população do entorno:

Nesta fôrma se conservou [o convento] assim em vida do Servo de Deos como do Duque. Por morte deste, succedeo-lhe o seo filho D. Jorge, o qual attendendo ao grande descommodo dos Religiosos, ordenou que lhes fizesse uma Cerca, por não estarem expostos à gente,

que vinha de romagem à Senhora; atè aquelle tempo não tinham clausura, e sò umas balizas nos Mattos, para não passarem dalli sem licença dos Prelados, que não se fiavaõ tanto na authoridade com que mandavaõ, como nos rendimentos com que os subditos lhes obedeciaõ¹³.

A criação de um percurso se verificou em outro aspecto importante da crônica: quando o autor corrigiu informações por ele tidas como incorretas sobre a história dos conventos da ordem. Por exemplo, argumentou como se provasse de forma incontestável que Haildebrant era um leigo, um mercador inglês, e não um religioso pertencente a qualquer religião. A primazia de habitar a serra tinha de ser franciscana¹⁴. Uma forma de criar um determinado percurso, determinada maneira de viver o espaço. E, igualmente, forma de garantir a sua posse.

Desta forma, temos na crônica uma narrativa cuja preocupação era, além de perpetuar uma visão, digamos, gloriosa sobre os franciscanos arrábidos, criou e legitimou determinada experiência de espaço. Espaço que não é de forma alguma vulgar. O espaço da serra e do convento da Arrábida foi descrito na crônica como um espaço sagrado.

Outra reflexão que se pode fazer neste sentido diz respeito à fundação da Custódia da Arrábida. Ao elaborar a cronologia pela primeira vez, o ano de fundação constituiu um problema: deveria figurar o ano em que o Duque de Aveiro doou a serra a Frei Martinho, ou o ano no qual o Padre Geral da ordem criou a custódia? O que implicou, em verdade, numa questão mais profunda: porque estes dois momentos foram narrados no âmbito da crônica, tendo importância equivalente?

A resposta poderia se localizar em parte na criação de determinada experiência do espaço. Ora, criar um espaço exige uma demarcação, uma forma de situar as fronteiras entre este espaço e outros lugares. Daí, por um lado, a importância da narrativa da ocupação anterior da serra pelos futuros arrábidos. Ela cria, num primeiro momento, o espaço diferenciado, criação que é legitimada e ampliada, reconhecida na forma da lei e juridicamente eficaz (a crônica retoma a eficácia deste ato criador no Livro II) enquanto Custódia de Santa Maria da Arrábida: “Recebeo para a Ordem a Ermida, e a incorporou com o titulo de Custodia de Santa Maria da Arrabida, e os mais conventos, que pelo tempo adiante se recebessem, fazendo-os immediatos a si. Deu licença para se fundar convento neste sitio”¹⁵.

Esta carta, porém, criou a custódia recebendo a ermida já habitada pelos religiosos. Na narrativa, Frei Antonio da Piedade não se referiu primeiro à carta para depois se referir à serra. A descrição da serra foi feita anteriormente, e com toda a razão: a carta é um endosso; o ato criador da serra da Arrábida e de sua comunidade está em outro momento da crônica, e esta carta depende deste momento anterior.

Também a nomeação foi parte desses atos de poder. São os arrábidos quem, desde o começo, nomeavam os conventos, ainda que acolhendo nomenclaturas anteriores, sobretudo de cidades – mas sob a invocação de determinado santo, que funcionando enquanto orago de determinado convento, atestava a posse daquele espaço pelos Arrábidos. A custódia é de Santa Maria da Arrábida, bem como o convento é de nossa Senhora de Caparica, dentre outros. As relações entre pessoas e lugares/espaços se modificavam, muitas vezes, em função disto: a antiga ermida da memória é um local de devoção da população do entorno. Não obstante este antigo costume, os arrábidos construíram o convento integrando a ermida, conforme apontado acima, organizando o espaço em função de uma determinada experiência, ligada a uma vida retirada do mundo e austera.

A descrição realizada por Frei Antonio da Piedade é diferente de outras sobre outros conventos dos arrabidos. O *Diccionario Geografico*¹⁶, por exemplo, não visa à criação de um itinerário, ou destacar a experiência de espaço descrita e delimitada na crônica.

Espaço e sacralidade

A definição da serra, pois, denotou uma experiência diferente de espaço: um espaço praticado, isso é, que propunha determinado tipo de experiência. Este espaço, entretanto, possuiu um significado ainda mais importante. A Arrábida é um espaço sagrado, diferenciado em relação aos demais – inclusive, a outros conventos da mesma ordem.

Um local sagrado, nos lembra Mircea Eliade, não é apenas criado. Ele é reconhecido, achado¹⁷. No caso da Arrábida, este reconhecimento seguiu dois itinerários. O primeiro é a narrativa supracitada, que situou no passado a origem desse status sagrado com um milagre inicial: o comerciante inglês Haildebrant foi salvo do naufrágio por uma imagem miraculosa que carrega em seu navio, e que transferiu-se para terra servindo de guia para o desventurado fiel. O próprio cronista lembrou que a

Senhora da Arrábida, a imagem milagrosa, elegeu a serra como local para habitar, como dito anteriormente. Este foi, por assim dizer, o primeiro dos mitos de origem que diferenciam a Arrabida de outros espaços – mesmo espaços de culto, como o templo de Netuno, ou a ermida da ponta. O segundo elemento de reconhecimento foi quando este, agradecido, não apenas permitiu que a imagem permanecesse na serra, como construiu a ermida, local de culto para as comunidades do entorno.

O espaço sagrado é diferente do profano; guarda um aspecto de centralidade e importância para o fiel imensamente maior do que todo e qualquer espaço meramente vulgar:

Vemos, portanto, em que medida a descoberta – ou seja, a revelação – do espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso; porque nada pode começar, nada se pode fazer sem uma orientação prévia – e toda orientação implica a aquisição de um ponto fixo. É por essa razão que o homem religioso sempre se esforçou por estabelecer se no “Centro do Mundo”.¹⁸

De maneira que, dentre os vários sentidos, um dos mais importantes é o que deu à Arrábida o estatuto de ligação entre o fiel e a divindade. Daí porque a serra foi descrita como local de tantos milagres, e morada eleita de tantos varões ilustres na fé. A crônica descreve momentos em que os frades são assaltados por forças maléficas, e auxiliados pelos anjos. Neste binômio, a função sagrada desempenhada pelos monges se coaduna com o espaço de ligação entre a comunidade e o divino: o convento, e suas regras de vida em direção a um ideal de reforma, austeridade e santidade¹⁹. O convento de Santa Maria da Arrábida, que se localiza na serra é especialmente importante. É o primeiro da Província, mas também aquele que os mais austeros frades escolheram como morada. Este é o caso de Frei Francisco da Porcinúcula, que elege o convento da Arrabida para passar a quaresma: “tinha Fr. Francisco pedido licença ao Provincial para se recolher no Convento da Serra da Arrabida, e ahí passar a Quaresma apartado da comunicação da gente, por ser muita a que sempre o procurava”²⁰.

Mas há mais: uma dimensão que escapou a esta análise é a que coloca o problema de definição daquele lugar geográfico como um espaço sagrado, repleto de significado próprio na crônica. Esta marca de diferenciação é a que separa o lugar sagrado do lugar vulgar: se as cartas patentes emprestaram ao espaço um significado, digamos, jurídico, implicando posse e legitimidade, a missa e os ritos religiosos que

acompanham a fundação não apenas fazem parte da praxe religiosa – mas reconhecem que aquele local é sagrado. Narrar, criar o convento, com seus mitos, genealogia, legitimidade é parte do esforço de conferir significado diferenciado aquele determinado espaço sagrado. Segundo Santos²¹, “o lugar é uma rede de valores, significações materiais e afetivas. É fruto da atribuição de significado ao espaço, de sua organização através da cultura”.

Por fim, o espaço sagrado, diferenciado dos lugares vulgares, apareceu quase como resposta ao desejo dos religiosos de uma vida austera e retirada. Mencionei acima que a serra é descrita quase como a correspondente geográfica da austeridade que os religiosos arrábidos tinham como ideal. Também Frei Antonio se esmera em descrever a pequenez e simplicidade do convento, e o cotidiano intensamente marcado, ao menos de início, pela pobreza. Afirma, numa passagem, “não fez o Duque D. João de Lancastro mais obras, pela repugnância do Veneravel Fr. Martinho, que a este Conventinho assim disposto, e fabricado”²². Da mesma maneira, era parte do cotidiano esmolar pelo pão²³.

Assim, os monges que lá habitaram viveram muitas vezes em condições ainda mais rígidas e despojadas do que as que o espaço proporcionava, se alimentando ainda mais parcamente e realizando de forma cotidiana práticas ascéticas – Frei Antonio da Piedade dedica parte da biografia dos monges a tratar das disciplinas que eram praticadas por alguns cotidianamente²⁴. O convento e a serra apareceram, então, como a morada rude e desejada por religiosos ainda mais austeros. A serra e o convento consistem, assim, no espaço sagrado, que era o mais adequado para este tipo de vida retirada do mundo.

Considerações finais

A sacralidade da serra, assim, precedeu a da ordem, mas está profundamente imbricada com esta, ganhando inteligibilidade e sentido com a construção do convento, e a fundação da ordem. Daí a importância de que goza o convento da Arrábida, sua verdadeira centralidade dentro da narrativa da crônica, quase com o mesmo estatuto que personagens. Importância que também se atribui à narrativa, que faz uso da serra como pretexto para criar, regular e delimitar um determinado modelo de vida religiosa, típica dos arrábidos, e até em contraste com outros modelos de vida de províncias diferentes – caso da disputa entre a Custódia da Arrábida e a Província do Algarve²⁵.

A que se pode atribuir a diferença entre a narrativa do espaço na crônica escrita por Frei Antonio da Piedade, e a narrativa do mesmo espaço em outras crônicas? A resposta, acredito, estava na experiência do espaço diferenciada, proposta por Frei Antonio no caso dos conventos e da Serra da Arrábida. Enquanto, por exemplo, no *Diccionario Geographico*²⁶ ela foi apenas um lugar, parte de um espaço maior – Portugal – dentro da crônica, a Arrábida correspondia ao espaço maior, mais significativo, revestido da experiência mais importante. Espaço, que, retorno, é sagrado.

Uma última implicação ao definir o convento e a serra da Arrábida como espaços sagrados diz respeito aos que lá habitaram e à própria proposta do seu autor. Ao narrar a vida de tantos ilustres frades para servir de modelo de vida e conduta, e para maior glória da ordem franciscana, Frei Antônio da Piedade não poderia situar sua vida num local qualquer, especialmente no começo da obra. Assim, acredito que esta foi uma das razões pelas quais o convento e a serra recebem o mesmo espaço que grandes personagens, tal como o duque de Aveiro ou o infante D. Henrique, modelos de padroeiro; tal como Frei Martinho de Santa Maria ou S. Pedro de Alcântara. Como eles, o convento e a serra terminam constituindo importantes personagens integrantes da crônica.

¹ Graduando em História pela Universidade Federal da Bahia. Bolsista PIBIC. Email: danielvssilva@gmail.com

² ROUSSO, Henry. O Arquivo ou o Indício de uma falta. *Revista Estudos Históricos. São Paulo: CPDOC/FGV, vol. 9, n° 17, p. 85-91, 1996.*

³ PIEDADE, Antonio da. *Espelho de penitentes, e chronica da Provincia de Santa Maria da Arrabida*: da regular, e mais estreita observancia da Ordem do Serafico Patriarca S. Francisco, no Instituto Capucho. Tomo I, Lisboa: Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real, 1728, p. 208

⁴ IDEM, p. 16-29.

⁵ Naturalmente, as reformas internas da Igreja católica foram muitas. A própria proposta de uma ordem mendicante como a Franciscana, já no século XIII, é parte de um ânimo reformista.

⁶ Lembro, aqui, o caso dos primeiros frades arrábidos, que comiam pouco e numa pedra à guisa de mesa, dentro de uma espécie de gruta. Ver: PIEDADE, Antonio da. *Espelho de penitentes, e chronica da Provincia de Santa Maria da Arrabida*: da regular, e mais estreita observancia da Ordem do Serafico Patriarca S. Francisco, no Instituto Capucho. Tomo I, Lisboa: Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real, 1728, p. 47.

⁷ Esta é uma referência às moradas dos cristãos dos primeiros séculos, que viviam retirados em oração e exercícios de austeridade. Está situada no Egito BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. v. 8, p. 150.

⁸ SILVA DIAS, José Sebastião da. *Correntes do sentimento religioso em Portugal (séculos XVI a XVIII)*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1960, p.p. 148-150

⁹ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Tradução de Ephrain Ferreira Alves. 13ª Edição. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1990. 340 p.

¹⁰ PIEDADE, Antonio da. *Espelho de penitentes, e chronica da Provincia de Santa Maria da Arrabida*: da regular, e mais estreita observancia da Ordem do Serafico Patriarca S. Francisco, no Instituto Capucho. Tomo I, Lisboa: Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real, 1728, p. 26

¹¹ Idem, p. 27

¹² Diz Certeau: “Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocupar o mesmo lugar. Aí impera a lei do ‘próprio’. Já quanto ao espaço, afirma o autor que: “estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando

é percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. (...) Em suma, *o espaço é um lugar praticado*. Assim, a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres.” Ver: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Tradução de Ephrain Ferreira Alves. 3. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2005. P. 201-202

¹³ PIEDADE, Antonio da. *Espelho de penitentes, e chronica da Provincia de Santa Maria da Arrabida*: da regular, e mais estreita observancia da Ordem do Serafico Patriarca S. Francisco, no Instituto Capucho. Tomo I, Lisboa: Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real, 1728, p. 58

¹⁴ idem, p. 27)

¹⁵ PIEDADE, Antonio da. *Espelho de penitentes, e chronica da Provincia de Santa Maria da Arrabida*: da regular, e mais estreita observancia da Ordem do Serafico Patriarca S. Francisco, no Instituto Capucho. Tomo I, Lisboa: Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real, 1728, p. 52.

¹⁶ CARDOSO, LUIZ. *Diccionario geografico ou noticia historica de todas as cidades, villas e lugares e aldeas, rios, ribeiras e serra dos Reynos de Portugal e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontraõ, assim antigas, como modernas*. Lisboa: Regia Officina Sylviana, 1767. p. 584-588.

¹⁷ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008. p. 34.

¹⁸ Idem, p. 26

¹⁹ Concordo aqui com a visão de Maria Lucília Pires, para quem a Arrábida detém este aspecto simultâneo de lugar sagrado, e local de fundação. Pires, Maria Lucíola. Serra e conventos na Crónica da Província de Santa Maria da Arrábida. *Via Spiritus : Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*. Porto : Instituto de Cultura Portuguesa. Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade. Vol. 7, p. 67-76, 2000.

²⁰ PIEDADE, Antonio da. *Espelho de penitentes, e chronica da Provincia de Santa Maria da Arrabida*: da regular, e mais estreita observancia da Ordem do Serafico Patriarca S. Francisco, no Instituto Capucho. Tomo I, Lisboa: Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real, 1728, p. 578

²¹ Rosenilson da Silva Santos. *O desejo, o relato e a prática da cidade*: de como são produzidos territórios marginais na Cidade do Príncipe (1880-1900). 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte p. 16.

²² PIEDADE, Antonio da. *Espelho de penitentes, e chronica da Provincia de Santa Maria da Arrabida*: da regular, e mais estreita observancia da Ordem do Serafico Patriarca S. Francisco, no Instituto Capucho. Tomo I, Lisboa: Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real, 1728, p. 58

²³ idem, p. 47.

²⁴ ibdem, 1728, p. 46.

²⁵ Este episódio é citado por SILVA DIAS, José Sebastião da. *Correntes do sentimento religioso em Portugal (séculos XVI a XVIII)*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1960, p. 149.

²⁶ CARDOSO, LUIZ. *Diccionario geografico ou noticia historica de todas as cidades, villas e lugares e aldeas, rios, ribeiras e serra dos Reynos de Portugal e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontraõ, assim antigas, como modernas*. Lisboa: Regia Officina Sylviana, 1767. p. X.